

LEONARDO MOTA NETO

Leon. Brasil

ORREIO BRAZILIENSE

Ameaças no ar - 3 ABR 1989

O presidente Sarney aludiu, pela segunda vez em poucos dias, aos riscos de uma interrupção da normalidade institucional, e isso é razão de alerta. O chefe do Governo dispõe de informações privilegiadas, de canais próprios de sondagens, a par de uma experiência anterior como político e governador, a se somarem à visão palaciana dos fenômenos sociais e econômicos. De natureza tensa, cativo das pequenas emoções e dos grandes agravos, Sarney oferece, porém, ao espectador de suas atitudes a visão de um caráter justo mas de um analista sinuoso de sua própria situação, e também a do País.

É natural especular sobre os efeitos que uma inflação descontrolada — ou até uma hiperinflação — gera sobre o estado de arte da democracia brasileira. Esse estado é frágil, como continua a se saber, desde que Octávio Mangabeira comparou nossa democracia a uma arvorezinha tenra. Mas é latente, algo passivo. Alma brasileira, diferentemente da dos nossos vizinhos hispânicos, não tem vocação para produzir a comoção recentemente ocorrida em Caracas, salvo engano sociológico. O povo continua esperançoso, até como profissão. O que tem falhado é a concepção da elite dirigente, de que pode salvar qualquer situação com demagogia ou improvisação.

O que o presidente Sarney pode não estar vendo, a ponto de assustar-se duplamente com as ameaças à interrupção do calendário democrático e até das eleições, é que coisa diferente é a pressão das massas para a transição acabar o mais rápido possível, da intenção golpista de conspirar contra as instituições. Se tal existir, será limitado a cantões reduzidos dos partidos, do Congresso, da Federação e da sociedade. Os chefes militares não estão nessa diretira. Os governadores — salvo Newton Cardoso, disposto a tudo —, não acompanham qualquer raciocínio golpista. Entre os candidatos à Presidência da República, até mesmo Jânio Quadros, que estaria interpretando os sentimentos da direita, pede urgente complementação constitucional. A crise, portanto, não está no continente, mas no conteúdo da transição, que perde fôlego, não consegue administrar o impasse social, nem o programa de estabilização econômica. Sem apoio dos partidos políticos, o governo assiste, melancolicamente, à deterioração dessas legendas, sem programa, sem doutrina, sem destino.

A pressão social não facultará a interrupção democrática e o adiamento das eleições, por constituírem na única válvula de escape à não da sociedade, pela via pacífica, para solucionar uma crise de poder.